

Nesse primeiro número da *DIAPHONÍA* em 2024, a Revista entrevista a Professora Doutora Nelsi Kistemacher Welter do Colegiado de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNIOESTE. A professora ainda é a atual tutora do PET (Programa de Educação Tutorial) do Curso de Filosofia. O periódico, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [*DIAPHONÍA*]

NKW [Nelsi Kistemacher Welter]

D – A professora poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela área da Filosofia?

NKW: Eu sou filha de Toledo e assim como muitas crianças e adolescentes na época, trabalhei desde muito cedo. Um dos meus primeiros trabalhos, aos 12 anos de idade, foi numa oficina mecânica da minha cidade. Além de separar as peças e acessórios, eu fazia o trabalho de banco, de atendimento às pessoas e de limpeza do escritório. Meu patrão tinha três filhos que estavam sempre ali por perto, um deles já alfabetizado, o segundo em processo de alfabetização e a terceira, que era uma menina, só sabia fazer rabiscos. Os dois mais novinhos, com seis e quatro anos, estavam sempre por perto e eu os colocava a fazerem atividades, inclusive contribuindo para a escrita e a leitura do menino que já estava em idade escolar e alfabetizando a menina, que aprendeu a ler e escrever comigo naquele escritório com cheiro de graxa e diesel. Meu patrão, que tinha amigos também empresários e com filhos em idade escolar, contava a eles sobre nossas peripécias e eu acabava sendo chamada para dar aulas particulares para outras crianças que enfrentavam dificuldades na escola. Foi aí que me dei conta de minha vocação para a docência e iniciei o Magistério. Entretanto, dos 12 aos 14 anos eu havia estudado no período noturno, para que pudesse trabalhar durante o dia e, com isso, pudesse complementar a renda da minha família. O curso de Magistério era diurno, e eu só poderia trabalhar num turno. Foi o que fiz. Cursei o Magistério no Colégio

PREMEN de Toledo e logo que tive a oportunidade, assumi aulas na educação básica do município. Em seguida, viria o concurso público para ocupar o cargo de docente também na minha cidade. À época, o curso de Pedagogia não era exigido; bastava ter cursado o Magistério (atual Formação para a Docência) para atuar na educação básica. Mas eu desejava ingressar no ensino superior e o curso de Filosofia na UNIOESTE, que era gratuito e ficava em Toledo, atendia ao meu interesse de fazer uma licenciatura, ao mesmo tempo que me instigava às questões e problemas filosóficos que me encantavam, embora meu contato com Filosofia anteriormente ao curso tenha sido pouco significativo. Como eu já era concursada no município de Toledo desde os 18 anos de idade, iniciei a graduação trabalhando numa escola localizada na mesma cidade. Assim que finalizei a graduação, tive oportunidade de atuar no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Como não havia aulas de Filosofia na educação básica, eu ministrava aulas em diversas disciplinas, desde a matemática, passando pela Educação Artística e pela Educação Física, até à História. Nessa mesma época, recém-formada na graduação e ainda muito jovem, portanto, tive a minha primeira experiência de docência na graduação. Fui professora colaboradora no curso de Filosofia da UNIOESTE. Eu já tinha interesse em fazer o Mestrado, mas era muito difícil porque não havia pós-graduações em nível de mestrado na área de Filosofia no Paraná, de modo que acabei participando da seleção e ingressando no mestrado da UNICAMP. Embora tivesse integrado o Grupo PET Filosofia da UNIOESTE na graduação, era ali, na UNICAMP, que eu iniciaria o meu percurso de pesquisadora. Logo prestei o concurso público na UNIOESTE e desde 1998 atuo nesse espaço institucional, que é quase a minha segunda casa, como professora, pesquisadora e extensionista. O Doutorado viria um pouco mais tarde, na UFSC, quando as condições de trabalho já eram outras e a UNIOESTE permitia a licença remunerada para tal, o que facilitou em muito as idas semanais a Florianópolis, mesmo sem bolsa. À época, com criança pequena e família em Toledo, e impossibilitada de me mudar de Estado, a única alternativa eram as viagens semanais de ônibus para frequentar as aulas na UFSC e participar das demais atividades para, deste modo, alcançar o doutoramento na área de Filosofia em 2013.

D – Acerca, agora, de sua trajetória de pesquisa iniciada com os estudos na área da Filosofia Política, em especial, a do pensador contemporâneo John Rawls. Quais as motivações que a levaram a trabalhar tal autor?

NKW – Eu tenderia a dizer que o curso de Filosofia despertou meu interesse pela Filosofia Política desde o início e que as questões da contemporaneidade ligadas, por exemplo, à democracia, à desigualdade social, à conquista de direitos, eram os que mais me afetavam, ocasionando aquele incômodo tão próprio da filosofia, que nos leva a buscar entender e refletir sobre como cada situação problemática foi constituída, momento em que nosso foco nas pesquisas é fundamental. Entretanto, quando revisito o passado nas minhas memórias, parece a mim muito claro que foi antes disso, isto é, antes mesmo de ingressar no curso de Filosofia, que o meu interesse de pesquisar as questões ligadas à justiça social foi despertado. Isso porque me deparei muito cedo, ainda no período em que atuava com a alfabetização de crianças da educação básica, na periferia da cidade de Toledo, com o problema da pobreza e a condição de desigualdade extrema das pessoas – a ponto de as crianças virem à escola sem alimentação e sem roupa e calçado adequados, principalmente no inverno. A falta de oportunidades para poder avançar por meio da educação e de ter um futuro melhor também ficaram escancaradas com aquela experiência, já que boa parte das crianças da primeira série abandonavam a escola para trabalhar e, desse modo, ajudar a complementar a renda de suas famílias, sobretudo nos períodos da colheita do algodão nos municípios próximos. Não era uma escolha! Tratava-se da realidade nua e crua: essas crianças estavam condenadas à pobreza, na reprodução de um ciclo incessante, que não garantia a elas as condições necessárias para uma infância saudável, nem para a continuidade dos estudos e a busca de oportunidades de uma vida melhor do que aquela que viviam. Eram crianças de seis a dez anos. Essa situação me tocou muito e continua sendo um incômodo que eu trouxe para as minhas pesquisas. John Rawls é um filósofo que tem sido uma importante referência para minhas pesquisas, justamente por tratar do tema da justiça social e defender o acesso de todas as pessoas à igualdade de oportunidades e à

equidade. Continuo pesquisando o autor, que tem muito a contribuir para pensarmos os problemas de nossa sociedade, envolvendo a questão da representação política na sociedade, da redistribuição da renda e da riqueza geradas, da organização da sociedade e do papel das instituições básicas, da formação do senso de justiça dos cidadãos que compõem a sociedade como sistema de cooperação social, da estabilidade social e, finalmente, do questionamento e a reflexão sobre o modelo capitalista e as suas implicações na relação com aspectos econômicos, sociais e políticos, somada à impossibilidade desse modelo de sociedade promover a justiça social.

D – A professora também nutre um particular interesse pelo pensamento produzido a partir da experiência feminina. Poderia falar um pouco sobre tal motivação levando em conta o quadro atual da produção filosófica como um todo? Quais outros projetos teóricos têm em vista?

NKW – Desde a pesquisa de Carolina Araújo (UFRJ) – publicada com o título “Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017” – e a respectiva apresentação de seus resultados na ANPOF de Aracajú, com uma série de dados quantitativos que confirmaram a desigualdade de gênero nos Programas de Pós-Graduação em todo o país, vários programas de Filosofia passaram a atuar para entender sua situação e buscar alternativas para melhorar o quadro apresentado. No curso de Filosofia da UNIOESTE foi a colega, professora Dr^a Ester Dreher Heuser, quem tomou a iniciativa de averiguar as condições oferecidas a homens e mulheres que ingressam na Pós-Graduação, analisando o número de matrículas e alunos formados no mestrado, doutorado, os autores trabalhados nas dissertações e teses em cada linha de pesquisa, até o número de professoras presentes na pós-graduação. O que se observou, tanto a nível nacional, quanto em nível local, é que as mulheres têm bem menos chance do que os homens de ingressar e de ser bem-sucedidas na carreira acadêmica na área de Filosofia. Os dados do PPGFIL da UNIOESTE foram semelhantes à média nacional, o que trouxe preocupação e levou à busca de alternativas para criar condições que pudessem contribuir para

estimular o estudo e a participação de mulheres em nosso Programa. A partir de então, uma série de ações seria adotada com vistas a trazer para o debate filosófico o problema da invisibilidade das filósofas na história da filosofia. Eventos, ciclos de debate, minicursos, grupos de estudo e produções diversas, envolvendo desde a publicação de artigos, dissertações e teses, até a produção de coletâneas sobre o pensamento das mulheres e sua contribuição para a Filosofia, passaram a fazer parte do rol de atividades, desta vez envolvendo outras professoras e professores do curso e estudantes da graduação e da pós. Eu procurei me engajar em várias dessas atividades, pois não tive dúvidas de que atuar com essa temática poderia não só incrementar ainda mais minhas pesquisas, que envolviam o tema da justiça social, além do tema da educação e da democracia, mas que também tornariam mais atrativo o curso de graduação e de pós-graduação. Além do mais, ao diagnosticar a ausência de bibliografias de pensadoras sendo trabalhadas em nosso curso, além da escassez desses materiais em nosso país, me dei conta, juntamente com outros colegas, de que poderíamos contribuir para o debate e para as produções, tanto em nível acadêmico, quanto na perspectiva de produzir material didático voltado ao Ensino Médio, onde a ausência de filósofas na bibliografia básica trabalhada com os adolescentes faz-se notar ainda mais, o que, de certa forma, pode desestimular o ingresso no curso de graduação, sobretudo das meninas, na medida em que elas entram em contato com a disciplina de filosofia e com o pensamento filosófico proposto quase exclusivamente por homens, alguns dos quais apresentam um pensamento misógino, machista e preconceituoso. Nessa perspectiva, a partir de sugestões dos alunos da graduação, tomei a iniciativa de organizar o “Dossiê As Pensadoras”, cujo propósito central é o de desenvolver material didático para ser utilizado na educação básica, com textos introdutórios sobre pensadoras de diferentes períodos e que envolvem contribuições para as mais diversas áreas da filosofia. Nesse momento, estamos trabalhando na preparação do terceiro volume da coleção que, em breve, será disponibilizado no formato *ebook* de forma gratuita para quem tiver interesse de leitura. O trabalho com pensadoras tem provocado um movimento de alunos e professores no sentido de incluir bibliografias de filósofas nas disciplinas. Outro movimento importante é a inclusão de

pesquisadoras nos eventos filosóficos promovidos pela Graduação e pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia na UNIOESTE. Palestras, rodas de conversa, atividades formativas, minicursos e disciplinas Optativas com ementas exclusivamente voltadas às contribuições de filósofas também têm sido propostas na graduação, atraindo, inclusive, um público externo à universidade para o curso, o que confirma o interesse e a urgência da inclusão de filósofas em nossas pesquisas e referências bibliográficas por nós utilizadas. Além da participação no trabalho acima mencionado e da organização, juntamente com outros colegas, do *Dossiê As Pensadoras*, que já conta com dois volumes publicados, continuo me dedicando às pesquisas e produções relacionadas ao problema da justiça social, lecionando na graduação na disciplina de filosofia política e na pós-graduação com temas ligados à política, justiça e equidade.

D – A professora atua, na UNIOESTE, há pouco mais que três décadas. Que significado histórico-pessoal e acadêmico essa vivência lhe proporcionou?

NKW – Eu diria que a UNIOESTE é minha segunda casa já que meu contato com ela vem desde o início dos anos 1990, quando tive a oportunidade de cursar a licenciatura em filosofia e, assim que finalizei essa etapa formativa, fui contratada como professora colaboradora no próprio curso. Desde 1998, quando assumi o concurso público na condição de docente na instituição, passei a me integrar e propor atividades que envolvem o tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. A minha preocupação com o ensino é anterior ao ingresso na UNIOESTE, já que minha experiência como professora o antecede. Mas foi a UNIOESTE que me acolheu para a formação inicial para a docência e, na sequência, para também atuar na formação de novos docentes, já que a minha atuação docente se deu prioritariamente no curso de licenciatura em Filosofia, embora também tenha trabalhado com o curso de Secretariado e de Serviço Social. Mais recentemente também tenho atuado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE. Destaco que a oportunidade de iniciação à pesquisa surge ainda no período da graduação, quando eu integrava o Programa de Educação Tutorial (PET) em Filosofia. Foi dali também que nasceu a vontade de continuar

pesquisando, até porque se era minha pretensão seguir na docência, eu teria que ser também uma pesquisadora. Na minha concepção, um bom professor deve ser um bom pesquisador, seja qual for o nível de formação em que atue. Mas a atuação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná também permitiria que eu atuasse em atividades extensionistas das mais diversas possíveis, e que envolviam desde a formação de profissionais de outras áreas, externos à universidade. Conta com isso, a participação e organização de eventos de carácter local e nacional, a coordenação de projetos de extensão, sobretudo nos últimos dez anos, quando minha atuação na extensão se intensificou ainda mais, com trabalhos de extensão classificados em eventos de carácter nacional e internacional. O diálogo com a comunidade, produzido principalmente através dessas atividades extensionistas, é fator que merece destaque, uma vez que ele acaba nos conduzindo a ampliar nosso conhecimento e, com isso, as nossas pesquisas e os resultados que somos capazes de apresentar. Eu diria que me sinto privilegiada por atuar numa universidade onde posso trabalhar coletivamente com um grupo que tem uma qualidade excepcional, comparável à de qualquer outra universidade do país, grupo esse que, embora atue em diversas áreas da filosofia e tenha perspectivas filosóficas e de sociedade distintas, tem uma capacidade de organização decisão e colaboração coletiva muito importante, com destaque para a defesa do curso, da universidade pública, gratuita e de qualidade, na construção de soluções sempre que situações problemáticas surgem.

19

D – A sua presença no PET, desde a implantação do Programa, em 1992, tem sido particularmente vital, antes como acadêmica graduanda e agora como tutora. Que balanço a professora faz hoje dessa experiência, ainda mais no contexto da produção de ensino, pesquisa e extensão do Programa em nossa área?

NKW – O ingresso no PET Filosofia foi um marco na minha carreira acadêmica e na minha jornada profissional. Primeiro, porque me permitiu a dedicação exclusiva aos estudos e atividades ligadas ao programa, por meio de uma bolsa de estudos concedida pela Capes. Conforme já relatei, desde muito cedo tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Também permitiu a mim e aos demais

integrantes do Grupo a visita a grandes centros de pesquisa filosófica no país, como a USP, UERJ e a UNISINOS, onde tivemos a oportunidade de participar de eventos nacionais e de debates filosóficos de altíssimo nível acadêmico, realidade que, à época, era muito distante das condições oferecidas pelo curso. Os acadêmicos e acadêmicas que integram o Grupo PET têm a oportunidade de trabalhar em grupo, desenvolvendo atividades conjuntas, o que leva ao desenvolvimento de habilidades fundamentais relacionados à organização, planejamento, ação conjunta e responsabilidade. Por outro lado, no PET, os alunos também desenvolvem a iniciação científica, por meio de projetos individuais orientados por professores do curso, com a oportunidade de apresentação de trabalho e publicações. Destaco também o estudo em grupo, a partir do eixo temático proposto por cada tutor ou tutora do programa, que tem levado ao desenvolvimento de pesquisas importantes e de produções diversificadas, incluindo as oficinas didáticas de filosofia, que são elaboradas ao final de cada ciclo temático estudado pelo grupo e desenvolvidas com estudantes do ensino médio. O PET Filosofia da UNIOESTE tem formado importantes quadros para a atuação na área de Filosofia em nosso país. Prova disso são os egressos do PET presentes nas graduações e pós-graduações de diversas universidades do país desenvolvendo trabalhos maravilhosos que envolvem ensino, pesquisa e extensão.

20

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

NKW – Juntamente com outros colegas, passei anos militando na defesa da inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio, o que ocorreu em junho de 2008, quando entrou em vigor a Lei nº 11.684, que tornou obrigatórias as duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Essa conquista foi muito importante para os estudantes do ensino médio, que a partir de então poderiam contar com uma formação mais humanizada, e para as licenciaturas em Ciências Sociais e Filosofia, que ampliariam a procura

por vagas. Coube às licenciaturas das respectivas áreas a tarefa de formação de professores, incluindo os egressos de seus cursos. Também coube às licenciaturas a preparação de materiais e estratégias didáticas que pudessem ser utilizadas pelos professores da educação básica com vistas ao trabalho com as disciplinas. Um dos materiais que produzimos no curso foi uma série de oito livros contendo “Oficinas Didáticas de Filosofia”, cuja experiência posta em prática se transformaria em relato de experiência, contendo roteiros didáticos com o passo a passo de cada atividade proposta, incluindo sua fundamentação teórica. Tal material encontra-se publicado em formato de e-book e à disposição de professores do ensino médio de todo o país. Entretanto, toda conquista árdua enfrenta algum tipo de oposição. Por isso é preciso permanecer em vigília e resistência na defesa daquilo que se conquistou e na busca por avanços, porque há aqueles prontos a “dar o golpe” e “pôr tudo a perder”. Foi o que ocorreu. Nos últimos anos, as disciplinas de humanidades têm sofrido duras derrotas. Os interesses do mercado financeiro e eu diria até de pessoas interessadas em criar fissuras na democracia, provocaram reformas que se opunham a decisões e ações envolvendo a educação, resultantes de muito diálogo e luta. Cito como exemplo a PEC 241/55 ou PEC dos gastos, aprovada no Governo Temer, que congelou, por vinte anos, os recursos para a educação e a saúde, setores essenciais para a sociedade, impedindo, com isso, os investimentos previstos no Plano Nacional de Educação e seus consequentes avanços. Em 2017, em contraposição aos movimentos de educação, que envolvem anos de estudo e debate, o governo Temer materializou a Reforma do Ensino Médio, que trouxe reformas radicais na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em relação à Educação Básica. Muitos pesquisadores da área da educação preferem chamar tal reforma, o Novo Ensino Médio (NEM), de “deforma”, já que a Lei 13.415 de 16/02/2017 deformou a qualidade de ensino ofertada aos alunos em todo o país. As disciplinas de Filosofia e Sociologia, além das Artes, foram drasticamente reduzidas, perdendo espaço no primeiro escalão das disciplinas consideradas essenciais para a formação dos alunos. Tudo isso sob o atrativo discurso de que os alunos do Novo Ensino Médio teriam autonomia para a escolha dos itinerários formativos. Embora o artigo 205 da Constituição brasileira afirme que a educação deve visar

“o pleno desenvolvimento da pessoa humana”, não é isso que o Novo Ensino Médio propõe. Escrevi um artigo para a Revista Eleutheria, onde faço uma breve análise das implicações das mudanças proposta para o setor da educação, sobretudo quando se extrai as humanidades do currículo da educação básica. O artigo, intitulado “Formação para a cidadania e a defesa da democracia: considerações a partir de Martha Nussbaum” pode ser acessado no link <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/12831>. No texto, considero a análise da filósofa americana, Martha Nussbaum, que trata de mudanças semelhantes na educação em outras partes do mundo, incluindo a Índia, Europa e Estados Unidos. Para a filósofa, tais mudanças na educação, que retiram disciplinas fundamentais ligadas à formação humanística dos jovens tem, por finalidade última, o ataque à democracia, já que a ausência dessas disciplinas deixa de lado capacidades fundamentais para a formação cidadã dos jovens, substituindo-as por disciplinas que visariam os interesses de buscar o lucro simplesmente.

22

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente em meio a tantos ataques na seara, como um todo, das Humanidades?

NKW – Eu penso que a gente precisa resistir e fazer o debate com a sociedade. Para isso, é necessário ocupar espaços fora da universidade, produzir materiais e conteúdo, a partir da universidade, que sejam acessíveis à comunidade. É claro que se, como eu disse acima, concordando com Martha Nussbaum, a redução ou exclusão das Humanidades dos currículos visa atacar a democracia, os espaços também vão sendo limitados. Se antes atuávamos na formação de professores e outros profissionais para o município para o Estado, por exemplo, a tendência é que as portas se fechem cada vez mais, mas é preciso abrir outras portas e fazer a resistência por meio do diálogo com a sociedade. Essa gente que ataca as Humanidades tem medo do debate público, por isso mesmo não “podemos baixar a guarda” e devemos nos manter em diálogo com a sociedade o tempo todo, ocupando todos os canais possíveis e criando outros. Penso que a curricularização da extensão é uma oportunidade importante para nos aproximarmos da

comunidade para dialogar, produzir reflexões e materiais que visem a defesa da filosofia e das Humanidades. A ocupação dos espaços de imprensa também nunca nos foi negado e eu penso que devemos nos organizar para ocupá-los, juntamente com nossos alunos e com os egressos do curso e da pós-graduação. Mas também podemos forjar nossos próprios espaços. Os materiais didáticos que são produzidos por nós e por nossos alunos e egressos, podem ser aliadas nessa tarefa.

D – Paralela à atividade acadêmica, a professora também soma um engajamento político de militância muito forte. Em que medida isso repercute, hoje em dia, quanto à função pública do intelectual. Poderia falar mais a respeito?

NKW – Desde meu ingresso no Magistério (atual Formação para a Docência), meu engajamento e minha militância na defesa da educação pública, laica e de qualidade são motivadores de minha caminhada, incluindo minha carreira docente, em que trabalhei dos anos iniciais da Educação Fundamental até a Pós-graduação. Continuei o percurso e a militância na licenciatura, onde se somariam outras lutas, além da defesa da educação pública: o acesso universal e a ampliação de vagas nas universidades públicas; o acesso da população mais pobre aos serviços e a criação de programas que pudessem contemplá-los. Com a graduação e a participação nos movimentos pastorais, o tema da justiça social passa a se fazer cada vez mais presente. Somado a tudo isso, tive a experiência de alfabetizar crianças de periferia, muitas das quais tinham por primeira refeição o lanche da escola e o fato de parte das crianças abandonar as aulas no meio do ano letivo para poder trabalhar na colheita de algodão ou outros trabalhos para ajudar a complementar a renda da família. Essa situação, somada à pobreza, à falta de oportunidades, à condição desigual para a continuidade do processo de formação, me levaram a estudar a temática da justiça social sempre com foco na importância da defesa da democracia. Fiz o Mestrado na UNICAMP e o Doutorado na UFSC procurando me debruçar sobre autores que contribuiriam na melhor compreensão da sociedade, sua organização e das alternativas para a promoção da equidade e da democracia. O tema da justiça como equidade me

acompanha desde o final da graduação. Durante toda a minha trajetória na UNIOESTE e no curso de Filosofia, mesmo trabalhando com disciplinas diversas, sempre fiz questão de acompanhar o processo de formação para a docência, compreendendo a importância de uma formação democrática e humanizada em todos os níveis de ensino, sobretudo no Ensino Médio, constantemente ameaçado pela retirada de disciplinas humanísticas, o que se efetivaria com o NEM (Novo Ensino Médio). Foi essa perspectiva que procurei abordar durante o período de coordenação do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e da coordenação do Estágio Supervisionado junto ao curso de Filosofia. Às minhas pesquisas, calcadas na área de filosofia política, adicionei novos autores e novas produções, que envolveram desde estratégias e materiais didáticos alternativos, a publicações no campo mais acadêmico e intelectual. Mais recentemente, tenho somado às minhas pesquisas, o trabalho, produção e orientação de trabalhos ligados ao pensamento de pensadoras. Como fruto de um desses trabalhos, deveremos lançar, em breve, o III volume do *Dossiê As Pensadoras*, contando com a organização dos professores Pedro Prikladnitzky, Luciano Utteich e eu. Desde já, convidamos a todos para a leitura!

24

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite da entrevistada Professora Doutora Nelsi Kistemacher Welter, e também à sua participação conosco na presente edição inédita de 2024.